

EDUCAÇÃO

Professor de escola pública ganha 11% mais que o da rede particular

Estudo da USP vai contra a ideia comum de que a educação estadual e a municipal têm salários mais baixos

**Simone Iwasso
Mariana Mandelli**

O professor de ensino fundamental da rede pública do País recebe, em média, um salário 11% maior do que o da rede privada. Quando se levam em conta os benefícios previdenciários do funcionalismo público, a diferença em favor das redes municipais e estaduais sobe para 38%. A constatação, que refuta um clichê comum na área, é explicada pela heterogeneidade das escolas particulares, que formam um conjunto bastante diferente das ilhas de excelência que se destacam no setor.

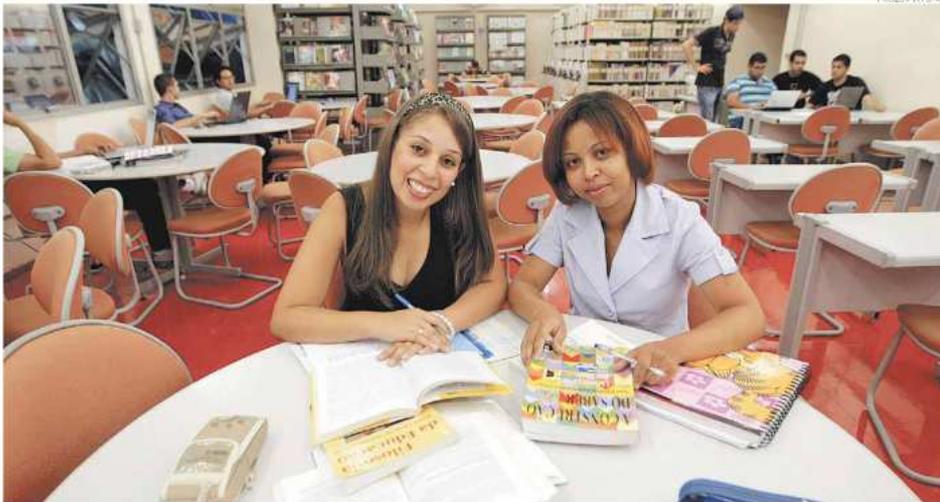
Em média, os professores da rede pública recebem R\$ 9,40 por hora de trabalho e os da rede privada, R\$ 8,46. Num cálculo de 40 horas semanais, o docente tem um salário médio de R\$ 1.504 no ensino público e R\$ 1.353 no particular. Lei que entra em vigor no ano que vem estipula o piso nacional do magistério em R\$ 950 – valor já cumprido por quase todos os Estados, mas ainda em defasagem em muitos municípios.

“Não estamos dizendo que os salários são justos, nem que os professores são bem pagos e não precisam de reajustes. Apenas mostramos que não é como todo mundo imagina”, explica a economista Kalina Léia Becker, autora do estudo, feito na Universidade de São Paulo (USP). “Quando comecei a pesquisa, eu mesma esperava encontrar outro resultado, o que mostra que precisamos conhecer melhor esse universo para traçarmos políticas públicas efetivas”, diz.

Sistema privado é heterogêneo, com algumas ilhas de excelência

Além de traçar as médias salariais com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE, o trabalho comparou o rendimento do professor brasileiro com o de outras duas categorias de profissionais – justamente para ter uma base de comparação mais efetiva.

O resultado foi que o professor brasileiro recebe menos da metade do salário de um pesquisador da área científica com



FALTA DE PERSPECTIVAS – As estudantes de Pedagogia Flávia da Silva e Andréia de Lacerda; “Salário desmotiva porque é muito pouco para o que fazemos”, diz Flávia

‘Saio todo fim de semana para pegar latas na rua’

... Para quem ainda está estudando para ser professor, as perspectivas são de uma vida atribulada e com salários baixos. Andréia de Lacerda, de 30 anos, está terminando o curso de Pedagogia na Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul) e já leva uma rotina complicada. Pela manhã, dá aulas na rede municipal; à tarde, faz estágio na estadual; à noite, frequenta a faculdade. “As vezes não dá tempo nem de almoçar.” Metade da sua renda, de R\$ 1,5 mil, paga a mensalidade.

Flávia da Silva, de 23 anos, também estudante de Pedagogia, trabalha como recepcionista numa clínica para pagar a facul-

dade. Ela já fez estágio na rede pública, mas o dinheiro não era suficiente para as contas. “O salário desmotiva porque é muito pouco para o que fazemos”, afirma. “Um professor tem a mesma importância de um médico. Também podemos salvar vidas, só que por meio da educação.” Para profissionais com décadas de carreira, trabalhar muito e ganhar pouco ainda é realidade. O lucro da venda de cosméticos, lingerie e até de latinhas de alumínio é o que aumenta o orçamento da professora da rede estadual R. M., de 43 anos. O salário de R\$ 1.375 não paga as contas. “Saio todo fim de semana nas ruas pa-

ra pegar latas”, conta R., que tem 19 anos de magistério. Ela junta cerca de 50 quilos por mês, vendidos por R\$ 100 reais. Marcelo Rito, de 39 anos, professor de História e Geografia, dá aula em três colégios particulares ao mesmo tempo para se sustentar. O professor Ailton Fernandes, de 43, também é acostumado a dar aulas em vários colégios. Durante 15 dos 20 anos de carreira, conciliou aulas nas redes pública e privada. “Quando me casei, era fim de bimestre. As pessoas vinham visitar minha casa e eu estava corrigindo provas”, lembra ele, que agora leciona em apenas um colégio. ■ M.M.

COMPARAÇÃO

R\$ 1.504 é o salário do professor do ensino fundamental de escola pública, em média, no País

R\$ 1.353 é o salário médio do docente da rede privada, também do ensino fundamental

11% é a diferença média de remuneração entre os professores da rede pública e os da particular

R\$ 950 é o piso salarial do magistério definido por lei

de ganhos baixos para se conseguir um salário mais alto.

No entanto, na rede privada, predomina uma grande heterogeneidade. Há um universo restrito de colégios que cobrem R\$ 2 mil de mensalidade e pagam mais de R\$ 5 mil para os professores. E ainda um grande número de instituições pequenas, com pouca infraestrutura, mensalidades mais baixas e salários do cerca de R\$ 700.

Para o coordenador do curso de Pedagogia da Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul), Rômulo Nascimento, poderia haver a criação de um conselho de educadores, que ajudasse a traçar melhor o perfil, as características e das demandas da profissão no País.

Apesar dos dados da pesquisa, a presidente do sindicato dos professores de São Paulo (Apeops), Maria Izabel Noronha, não acredita que os professores da rede pública ganhem, na média, mais do que os da rede particular. “O professor do ensino público é um perdedor, em qualquer pesquisa o salário dele vai aparecer como inferior”, afirma. ■

graduação, mestrado e doutorado. No entanto, seu salário é cerca de 5% superior ao rendimento médio de profissionais da área de serviços, com mais de dez anos de escolaridade.

“A diferença do salário do professor é que ele tem uma dispersão menor do que o de ou-

tras profissões. São todos valores mais próximos de uma média, sem diferenças entre maiores e menores”, explica a economista Ana Lúcia Kassouf, especialista em economia do bem-estar social da USP. Ela explica que essa pouca variação entre salários reflete falta de seleção

entre profissionais bons e ruins e pode desmotivar aqueles que se empenham mais e fazem um melhor trabalho.

EMPREGABILIDADE

Para o professor da Faculdade de Educação da USP Ocimar Munhoz, as carreiras na rede

pública são mais organizadas e têm uma alta empregabilidade.

“O Brasil tem muitos alunos e precisa de muitos professores. E no fim das carreiras os salários são mais altos do que no início, o que puxa a média para cima”, afirma. Mas o problema, segundo ele, é que leva-se anos

Nos melhores colégios no Enem, profissional ganha até R\$ 8 mil por mês

Na rede particular paulista, existe um rodízio de escolas em que os professores ganham bem acima da média salarial dos colégios públicos ou privados do País. São instituições que ano a ano ocupam o topo do ranking do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), avaliação do Ministério da Educação. Nesses colégios de elite, as mensalidades podem ultrapassar R\$ 2 mil e os professores recebem até R\$ 8 mil de salário.

Primeiro colocado do ranking entre as particulares paulistas há três anos, o Colégio Vértice, na zona sul da capital, paga em média R\$ 6 mil a seus professores. A escola recebe cerca de 20 currículos por dia de profissionais interessados em uma vaga. Cerca de 40% dos docentes têm pós-graduação.

“Todo fim de ano, cada professor se reúne com um funcio-

nário do setor administrativo para discutir o salário e a satisfação em trabalhar no colégio”, afirma o diretor do Vértice, Adilson Garcia. Segundo ele, essa prática valoriza o docente e impede que o funcionário reflita uma possível insatisfação no trabalho.

Primeira do ranking em São Paulo recebe 20 currículos por dia

No Colégio Bandeirantes, que ocupa a segunda posição do ranking 2008 do Enem, um professor do ensino fundamental recebe R\$ 44, 42 por aula – quase cinco vezes a mais do que a média do ensino público e do particular. Um docente que dá

35 aulas por semana, o que é comum no colégio, recebe por mês, com os benefícios, mais de R\$ 8 mil.

Os professores também são incentivados a participar frequentemente de congressos internacionais, em países como França, México e Espanha. Eles apresentam pesquisas e projetos desenvolvidos na escola. Há, inclusive, um revezamento entre eles na participação desses eventos, para que as ausências não prejudiquem o cronograma escolar.

“Todos os anos mandamos nossos professores de línguas, como inglês e espanhol, para cursos no exterior”, afirma Mauro de Salles Aguiar, diretor-presidente do Bandeirantes. A escola também tem profissionais especializados que lecionam disciplinas e cursos como Biotecnologia e Tecnologia

da Educação.

“Acreditamos na filosofia de que o professor é a escola”, afirma Aguiar. “Por isso, tentamos manter um grupo docente sensibilizado e apaixonado pelo que faz.”

O Colégio Stockler, atualmente o sétimo lugar entre os melhores particulares no Enem, tem em seu corpo docente professores com pós-doutorado. Segundo a direção da escola, cerca de 60% dos professores fizeram, no mínimo, mestrado.

Hoje, o colégio conta com 50 profissionais, grupo que é praticamente o mesmo desde a fundação da escola, há 11 anos. O diretor, Agostinho Marques Filho, atribui a estabilidade à satisfação e à valorização do profissional dentro da instituição.

“Isso faz com que eles queiram se qualificar cada vez mais”, explica. Em 2009, o Stockler implantou o “Projeto Enem”, com aulas no período da tarde sobre temas interdisciplinares que são recorrentes no exame. ■ M.M.

Maioria dos docentes dá aula em apenas um local

A maioria dos professores brasileiros, tanto da rede pública quanto privada, trabalha apenas em um local – o que desmistifica a imagem do professor que dá aula em várias escolas e passa o dia se deslocando entre turmas diferentes de alunos. Segundo a pesquisa da Universidade de São Paulo (USP), feita com base nos dados da Pnad, elaborada pelo IBGE, 85% dos professores da rede privada têm apenas um emprego. Entre os professores da rede pública, o índice fica em 77%.

O cenário é semelhante ao que foi traçado pelo Ministério da Educação (MEC) no Conselho do Professor, elaborado pela primeira vez neste ano. Elevantamento, divulgado em maio, mostrou que 80,9% dos docentes brasileiros trabalham em apenas uma escola, mais de 60% lecionam em um turno e

quase 40% são responsáveis por somente uma turma. Apenas 3,2% deles trabalham em mais de três escolas.

No total, o País tem cerca de 1,8 milhão de professores no ensino básico (que inclui o ensino infantil, fundamental e médio). A discussão sobre a valorização da carreira ganhou força após a aprovação, no ano passado, do piso salarial do magistério – o primeiro piso de uma profissão definido por lei, que deverá entrar em vigor em 2010.

Em São Paulo, uma iniciativa da Secretaria de Estado da Educação associará pela primeira vez o reajuste salarial ao desempenho do professor em uma avaliação. Pelo modelo, a cada três anos o professor que não exceder um limite de faltas poderá se submeter a uma prova. Os mais bem avaliados terão 25% de aumento. ■